



DOSSIÊ



Memórias de mulheres: trajetórias e protagonismos na/para a produção científica na Universidade Federal de Sergipe

Maria Eduarda Lisboa Santos, *Universidade Federal de Sergipe*
Aline Lima de Oliveira Nepomuceno, *Universidade Federal de Sergipe*
Viviane Almeida Rezende, *Secretaria do Estado da Educação de Sergipe*
Elika Milenna Barbosa Santos, *Universidade Federal de Sergipe*

Resumo. Esta pesquisa tem como objetivo conhecer as trajetórias de mulheres cientistas que atuam no campo das Ciências Naturais da Universidade Federal de Sergipe, sob o viés das relações de gênero que perpassaram (e perpassam) as suas histórias e os reflexos na/para inserção e atuação no espaço acadêmico. Trata-se de um estudo de natureza qualitativa, do tipo descritivo, utilizando o método da História Oral. Para tanto, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com mulheres cientistas ligadas aos cursos de Ciências Naturais da Universidade Federal de Sergipe (UFS), Campus de São Cristóvão. Com isso, além de contextualizar e resgatar as trajetórias das cientistas e gestoras dos cursos de Ciências Naturais da UFS, por meio dessa pesquisa podemos perceber que a trajetória acadêmica e profissional das docentes entrevistadas é construída em um ambiente regido por valores e padrões masculinos que dificultam a participação das mulheres na ciência. Dessa forma, o aprofundamento de estudos e discussões que busquem tornar visíveis tais experiências é essencial, pois existe muito trabalho para ser feito.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres cientistas. Gênero. História oral. UFS.



Introdução

A trajetória das mulheres na inserção da ciência tem apresentado avanços significativos nas últimas décadas. Porém, historicamente, o campo científico sempre foi associado à figura masculina. Essa realidade começou a ser questionada no século XIX, com o surgimento do movimento feminista, que nasceu como um movimento liberal de luta das mulheres pela igualdade de direitos civis, políticos e educativos.

Entretanto, a progressiva institucionalização e profissionalização da ciência, com a emergência de instituições, normas e métodos bem definidos, reforçaram as barreiras para a inserção das mulheres. Da mesma forma, a privatização da família contribuiu para restringir a participação feminina no campo científico (Schiebinger, 2001). Nessa perspectiva, pesquisas que analisam e colocam em pauta a relação entre gênero e ciência são essenciais para compreendermos essas dinâmicas históricas. Portanto, com o intuito de refletir sobre a trajetória de mulheres no campo científico, este estudo foi realizado.

Para este estudo, optou-se, portanto, pelo método de História Oral (HO) que permite captar as diversas maneiras como cada mulher apreende e interpreta suas trajetórias, partindo do pressuposto de que a realidade é uma construção social. A escolha por essa metodologia se justifica, conforme Tedeschi (2014), por sua capacidade de valorizar as experiências femininas, revisando modelos de significação que estavam impregnados em todos os grupos sociais e visibilizando os fatores distintos que afetam as mulheres. Sendo assim,

Ao privilegiarmos a categoria gênero nos estudos históricos e na perspectiva de memória, estamos construindo uma síntese dinâmica das relações materiais, simbólicas, culturais e subjetivas, num tempo em que o passado se constitui como ponto de referência, uma fonte da qual se pode extrair as relações de gênero, econômicas, culturais, sociais presentes, dando a possibilidade de criticar radicalmente os discursos que construíram essa invisibilidade das mulheres (Tedeschi, 2014, p. 25).

Dessa forma, pretende-se resgatar a memória das mulheres cientistas, através dos seus depoimentos, potencializando o registro de diferentes percepções sobre o passado, contribuindo para a construção de uma consciência histórica individual e coletiva das mulheres no campo da produção do conhecimento científico.

Nesta direção, o presente artigo apresenta os resultados de uma pesquisa realizada na Universidade Federal de Sergipe (UFS), com o objetivo de conhecer as trajetórias, memórias e histórias de mulheres cientistas que atuam no campo das Ciências Naturais da Universidade Federal de Sergipe, sob o viés das relações de gênero os reflexos na/para inserção e atuação no espaço acadêmico.

Metodologia

Em virtude dos objetivos desta pesquisa, a abordagem metodológica aqui adotada tem natureza qualitativa para a investigação e para o relato analítico de experiências realizadas (Minayo, 1994), do tipo descritivo, utilizando o Método da História Oral. Reconhecemos que a História Oral é uma fonte de memória viva e possui um alcance muito grande, envolvendo o meio social, cultural e cotidiano.

Segundo Meihy e Holanda (2017), História Oral é um conjunto de procedimentos, “não se trata apenas de um ato ou procedimento único. História Oral é a soma articulada, planejada de algumas atitudes pensadas como um conjunto” (Meihy; Holanda, 2017, p.15). Para além de ser um conjunto de procedimentos, Delgado (2006, p. 16) complementa colocando a memória como “fonte principal que a subsidia e alimenta as narrativas que constituirão o documento final”.

Isto posto, a História Oral foi escolhida como eixo norteador e método desta pesquisa, seguindo a definição de Meihy e Holanda (2017) de tê-la como um método, e não apenas como uma técnica ou ferramenta. A escolha se deu por sua capacidade de estruturar a pesquisa de forma abrangente, organizando os demais recursos utilizados.

Como instrumento de coleta de dados, a ferramenta utilizada foi a entrevista semiestruturada. Nessa abordagem, as entrevistas se tornam o ponto central da pesquisa, atuando como o fio condutor da narrativa das participantes. Conforme Meihy e Holanda (2017, p. 72), “as entrevistas impõem uma hierarquia na qual figuram como organizadoras dos demais andamentos dos recursos usados”.

Dessa forma, para tornar exequível esta pesquisa, foram delimitados os seguintes procedimentos metodológicos abaixo descritos. Como primeira etapa de pesquisa, foram desenvolvidas a revisão bibliográfica e a pesquisa documental. A revisão bibliográfica, que objetivou rastrear a atuação histórica da mulher na produção da ciência,



as relações de gênero, as experiências e as memórias das cientistas dando visibilidade às suas narrativas sobre os caminhos percorridos e os papéis desempenhados. Já a pesquisa documental compôs a etapa exploratória, centrada em documentos que, no âmbito local, pudessem diagnosticar a atuação feminina nos cargos de gestão¹ dos cursos presenciais da área de Ciências Naturais na UFS, campus São Cristóvão, em 2022.

Diante do exposto, foram estabelecidos alguns critérios para identificação das docentes que compuseram a amostra da pesquisa, sendo eles:

- 1- Possuir vínculo com os departamentos que ofertam cursos de Ciências Naturais (presenciais) da UFS Campus São Cristóvão;
- 2- Possuir vínculo como orientadora de pesquisas PIBIC² 2021/2022;
- 3- Possuir vínculo como orientadora na pós-graduação da UFS;
- 4- Atuar ou ter atuado na gestão administrativa da UFS;
- 5- Ter experiência como orientadora de pesquisas científicas;
- 6- Aceitar participar da pesquisa.

Os cursos que compõem as Ciências Naturais no Campus de São Cristóvão da UFS são: Ciências Biológicas, Ecologia, Engenharia Florestal, Engenharia Química, Engenharia Ambiental e Sanitária, Engenharia de Pesca, Medicina Veterinária, Geologia, Zootecnia, Engenharia Agrônômica, Química, Química Industrial, Física e Física-Astrofísica.

Em seguida, foi realizado o diagnóstico das docentes no Sistema Integrado de Gestão Atividades Acadêmicas (SIGAA) que disponibiliza publicamente na Internet dados atuais das pesquisas aprovadas para o PIBIC 2021-2022 vinculadas aos respectivos cursos citados anteriormente e seus coordenadores e coordenadoras.

Desta feita, a amostra da pesquisa foi determinada de forma intencional, na medida em que os critérios para a composição do grupo

¹ Os cargos de gestão analisados foram chefias de departamento e coordenações de pós-graduação.

² Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) é um programa que distribui bolsas de estudo para estudantes de graduação, com o objetivo de incentivá-los a participar de projetos de pesquisa e desenvolver o pensamento científico.

precisam ser compatíveis com os objetivos do estudo, ou seja, serão selecionados os indivíduos mais adequados quanto à possibilidade de fornecer as informações mais úteis para a pesquisa.

A etapa seguinte da pesquisa consistiu na elaboração e aplicação de um questionário. Ele foi composto por sete questões simples e objetivas para serem respondidas em um curto período, solicitando informações como: vínculo com a universidade, cor/raça, identidade de gênero, filhos, vínculo com a pós-graduação e tempo de experiência como orientadora na pesquisa científica. O questionário foi criado e enviado por e-mail, utilizando a ferramenta *Google Forms*, para as docentes com vínculo efetivo nos cursos presenciais de Ciências Naturais da Universidade Federal de Sergipe (UFS) e que possuíam pesquisas cadastradas no programa PIBIC 2021-2022.

Em seguida, foi realizado um contato prévio com as selecionadas que atenderam a todos os critérios descritos anteriormente através de um e-mail, contendo apresentação dos objetivos da pesquisa, a metodologia utilizada, a Carta Convite para o aceite da participação no estudo em questão, bem como, o link do questionário online para ser respondido e posteriormente analisado.

O questionário foi enviado para 46 docentes, resultando em um retorno de 15 respostas (32,6%). Dessas, 7 atenderam aos critérios de inclusão para a pesquisa, o que representa 15,21% do total de convidadas. É importante ressaltar que a quantidade de participantes não compromete a qualidade dos resultados, pois o objetivo principal do estudo não é quantitativo, mas sim aprofundar a compreensão dos fatos.

A quinta etapa da pesquisa utilizou a entrevista semiestruturada como instrumento para a produção de dados. Essa escolha se justifica pela sua flexibilidade: mesmo com uma estrutura pré-definida, ela permite que as entrevistadas se sintam mais à vontade para expressar suas ideias. Além disso, o formato semiestruturado garante maior liberdade para a entrevistadora incluir perguntas não previstas no roteiro, o que enriquece a interação e aprofunda a exploração do tema.

Diante do exposto a entrevista foi dividida em três etapas:

a) **pré-entrevista:** contato prévio com as entrevistadas para apresentar os objetivos da pesquisa e a metodologia utilizada, bem como o aceite para a participação no estudo em questão;



b) **entrevista:** realizadas em local e data previamente agendados, em comum acordo com as participantes. Foram conduzidas por meio da plataforma *Google Meet* ou presencialmente, com gravação de áudio através do aparelho celular Redmi Xiaomi Note 9s. Salienta-se que, para as entrevistas presenciais, foram seguidos os protocolos de segurança, como o uso de máscara e a manutenção do distanciamento social³.

c) **pós-entrevista:** contato com as entrevistadas para apresentação e aprovação da transcrição e textualização das suas narrativas. O processo de transcrição das entrevistas também foi um momento de análise, pois tornou possível captar alguns aspectos das falas e do contexto da entrevista. Para a realização das análises dos dados, as entrevistadas assinaram um termo de autorização de uso de imagens de depoimentos.

A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética aprovada sob o parecer número 5.250.787, visto que envolve seres humanos. Sendo assim, todas as participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), construído segundo as normas da Resolução nº. 466/2012 (BRASIL, 2013). O TCLE teve como objetivo assegurar a autonomia, sigilo e anonimato das participantes envolvidas, tendo em vista que disponibilizaram seus dados pessoais. Cada pesquisadora foi identificada com nomes escolhidos de mulheres cientistas de destaque (nacional e internacional) para o campo científico listadas no livro “As Cientistas: 50 mulheres que mudaram o mundo” escrito por Rachel Ignotofsky (2017), evitando assim a quebra do sigilo da sua identidade. Dessa forma, foram escolhidos os seguintes nomes: Elizabeth Blackwell (Professora 1), Marie Curie (Professora 2), Edith Clarke (Professora 3), Cecilia Payne-Gaposchikin (Professora 4) e Esther Lederberg (Professora 5).

O processo de análise se iniciou nas transcrições das entrevistas, captando aspectos da fala e do contexto da entrevistada. Métodos qualitativos fornecem dados muito significativos e densos, mas, também, muito difíceis de se analisarem. (Duarte, 2002). Com isso, necessita-se de um mergulho profundo nas realidades expostas, com intuito de produzir interpretações e explicações que instiguem a reflexão, revelando explicações para a problemática. Aqui, como em todas as

³ As entrevistas presenciais foram realizadas em 2022, durante o período de pandemia de COVID-19. Os cuidados mencionados (uso de máscara e distanciamento) foram adotados para garantir a segurança da pesquisadora e das participantes, seguindo as diretrizes sanitárias daquele momento.

etapas de pesquisa, é preciso ter olhar e sensibilidade armados pela teoria, operando com conceitos e constructos do referencial teórico (Duarte, 2002).

A última etapa desta pesquisa, foi a análise das narrativas na modalidade temática utilizada para a interpretação e discussão dos dados, desdobrando-se nas etapas de pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados obtidos.

Atuação feminina nas pesquisas

Após o contato com as professoras por meio do formulário online, e através dos dois primeiros critérios de inclusão na amostra: possuir vínculo com os departamentos que oferecem cursos de Ciências Naturais (presenciais) no Campus São Cristóvão da UFS e ser orientadora em pesquisas do programa PIBIC 2021/2022, foi possível identificar a atuação feminina nos cursos de Ciências Naturais da Universidade Federal de Sergipe. Das 150 pesquisas sendo realizadas PIBIC (2021/22) em todos os departamentos analisados, 46% são executadas por mulheres, correspondente a 69 pesquisas e 54% são pesquisas executadas por homens, correspondendo 81 das pesquisas. (Tabela 1, Gráfico 1).

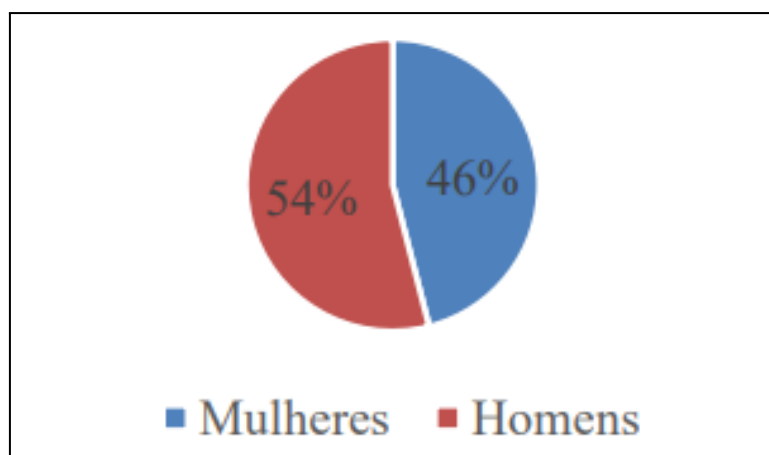
Tabela 1: Distribuição da atuação docente (feminina e masculina) em pesquisas PIBIC 2021/22.

DEPARTAMENTO	TOTAL	MULHERES	HOMENS
Biologia	18	10	8
Ecologia	9	6	3
Ciências Florestais	7	1	6
Engenharia Química	12	6	6
Engenharia ambiental e sanitária	6	1	5
Engenharia de Pesca	5	2	3
Medicina Veterinária	7	4	3
Geologia	7	3	4
Zootecnia	9	3	6
Engenharia Agronômica	19	8	11
Química	34	19	15
Física	17	6	11
TOTAL	150	69	81

Fonte: *Elaboração própria (2022).*



Gráfico 1: Análise da atuação feminina das docentes nas pesquisas PIBIC 2021/22.



Fonte: *Elaboração própria (2022).*

Os dados expostos acima retratam um cenário de equilíbrio, apesar da maioria dos docentes orientadores de pesquisas serem homens, é representado por uma pequena diferença de 8% (Gráfico 1) entre homens e mulheres. Essas percentagens são reflexo de conquistas femininas ao longo de muitos anos, reforçando que é um processo de conquista constante.

De acordo com dados do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (2025), mulheres já são maioria nas bolsas de mestrado e doutorado, mas ocupam apenas 35,5% das bolsas de produtividade. No decorrer da entrevista com as docentes foi possível perceber que ainda existe uma relação de poder entre homens e mulheres na ciência, a desigualdade se manifesta em postos de liderança e nas barreiras impostas pela parentalidade, conforme relatado:

Você fazendo essa entrevista é que eu pensei, não tinha nenhuma mulher quando eu terminei a graduação, as professoras não orientavam, as professoras não saiam para o doutorado porque os maridos não deixavam (...) Acho que é isso, olhar pra outra mulher, nos perceber como uma classe, que precisa lutar pra gente tentar diminuir o máximo que puder no papel que a gente cumpre dentro da sala de aula. (Edith Clarke).

Tais relações, através de seus mecanismos, atuam como uma força, podendo coagir, disciplinar e controlar os indivíduos. Dessa forma, a luta das mulheres no campo científico continua sendo de extrema importância, pois ainda há muito a ser transformado no contexto atual. Apesar dos avanços recentes, a desigualdade de gênero na ciência é um problema complexo e que não será resolvido de forma repentina. A busca por uma sociedade mais justa e igualitária exige um esforço contínuo.

Memórias sobre “Ser Mulher”

Conhecer e analisar as memórias das cientistas sobre “Ser Mulher” possibilita um mergulho nas interpretações do presente, apoiadas nas consciências do passado. Nas trajetórias de vida narradas, as entrevistadas expuseram um pouco das suas memórias históricas que as ajudaram a construir suas próprias identidades. Segundo Tedeschi (2014, p. 14), “não há futuro para a história das mulheres sem um permanente exercício arqueológico da memória, porque sem ela não se pode construir nem resguardar a identidade”. Sendo assim, a memória como matéria-prima da história traz para o centro da cena as mulheres enquanto objeto de conhecimento histórico (Tedeschi, 2014).

O que se pretende ao apresentar e analisar as concepções sobre “Ser Mulher” é compreender as questões de gênero a partir das experiências e não dos papéis sociais, ou seja, é “conhecer a vida de trabalho e o fazer cotidiano das mulheres, não a partir de uma interpretação de uma visão patriarcal de história, mas pela consciência própria dessas mulheres” (Tedeschi, 2014, p. 17).

Ao narrarem suas concepções sobre “Ser Mulher”, os discursos das entrevistadas giraram em torno de duas perspectivas, a saber: a) *ruptura com os modelos rígidos de “Ser Mulher”*; e b) *Críticas ao Sexismo*. As perspectivas apresentadas pelas cientistas mostram uma apropriação crítica do passado que reflete na forma como elas lidam com os problemas do presente, especialmente os que envolvem as questões de gênero. E nesse caminho de construção das subjetividades elas trazem à tona as influências da família, do meio social e da cultura. Sendo assim, não se trata apenas de memórias individuais, mas também coletivas. Dar voz a essas memórias, colocando as mulheres num processo de retomada de consciência, demonstrando a identificação do sujeito coletivo com sua experiência no processo histórico (Tedeschi, 2014).



Desconstruindo a “Amélia”: ruptura com os modelos rígidos de “Ser Mulher”

Dar oportunidade às mulheres para falarem de si mesmas, significa não somente desvelar registros subjetivos, mas também estabelecer relações com questões coletivas, buscando experiências semelhantes que ajudam a construir a história das mulheres cientistas. Para exporem suas definições sobre “Ser Mulher”, as entrevistadas apresentaram discursos que carregavam um pouco das suas memórias individuais que, por vezes, tinham pontos convergentes que permitem a reconstrução e apropriação coletiva do passado, o que nos ajuda a compreender o presente histórico, favorecendo a formulação e reformulação dos projetos e realidades atuais (Tedeschi, 2014, p. 33).

Quando Elizabeth Blackwell se define como mulher, ela traz à tona as memórias da família e destaca o importante papel da sua mãe como incentivadora dos seus estudos, trabalho e crescimento. Nesse caso, a mãe se apresenta como uma figura transgressora dos papéis que o pai atribuía aos filhos, especialmente à mulher.

[...] Então a minha mãe sempre incentivou... me incentivou pro trabalho. Sempre ouvi esta mensagem: “Estude para ir trabalhar”, porque meu pai era meio assim... não era um homem repressor, mas era um homem meio sem horizontes mais largos, né? Ele achava que os filhos deveriam ajudar. A gente tinha loja pequena, mas hoje percebia que aquilo não ia ser suficiente pra todo mundo. Então a gente tinha que crescer, estudar, trabalhar. Minha mãe sempre teve essa visão, né? Tipo assim: “Não escute o que seu pai fala, vai lá, vai estudar e trabalhar”. (Elizabeth Blackwell)

Na narrativa de Elizabeth Blackwell percebe-se que na história de vida dela há em uma figura feminina familiar (no caso, a mãe) o incentivo para a busca de novos caminhos que a fez subverter aos planos traçados pelo pai para a vida profissional dos filhos. Essa postura da mãe foi um fator preponderante nas escolhas profissionais da entrevistada. A partir do discurso materno, Elizabeth Blackwell se sentiu impulsionada a estudar e trabalhar. Embora não revelada a perspectiva da mãe sobre o processo de empoderamento feminino, ainda que fosse, como coloca Cornwall (2014), de forma destituída de qualquer confrontação com as relações sociais e de poder subjacentes que produzem iniquidades sociais

e materiais, se configurou como um caminho possível para a liberdade feminina.

Ao se colocar como mulher, Marie Curie ressalta o seu prazer em ser feminina e em ser profissional. Ademais, a cientista revela sua capacidade de assumir funções atribuídas aos homens, a exemplo de atuar como Física Nuclear, uma área do conhecimento historicamente ocupada pelas figuras masculinas.

Gosto que as minhas alunas me vejam assim: uma mulher que se arruma, que se gosta, e ao mesmo tempo é capaz de fazer coisas que os homens fazem e que nós podemos fazer tão bem feito quanto ou até melhor nessas áreas mais “duras”. Sou Física Nuclear, “né”? Normalmente não é associado a uma mulher... (Marie Curie)

A perspectiva de empoderamento feminino pautada na equidade de gênero apresentada por Marie Curie aponta para a exclusão horizontal e vertical da mulher do mundo científico (Lima, 2013), especialmente das chamadas “ciências duras”. Essas duas exclusões “apresentam dois momentos cruciais e distintos na carreira acadêmica: um em relação à escolha da área e outro em relação à permanência e à ascensão na profissão” (Lima, 2013, p. 885). As memórias da entrevistada apontam ainda para uma necessidade de desconstrução de estereótipos de gênero para atuarem em determinadas áreas de produção do conhecimento.

Eu gosto de ser feminina. Gosto de me arrumar, de me maquiar, de vestir roupas de mulher, vestido, salto alto, assim... gosto de estar feminina no meu trabalho, mas fico furiosa em ser tratada diminuída, porque eu sou mulher. Eu quero ser mulher e ao mesmo tempo ser respeitada como profissional. Eu tenho direito de ser feminina, porque na Física, por exemplo, a gente tem muita mulher que não se arruma, porque consideram assim: a mulher pra ser inteligente tem que ser feia, maltratada, se vestir mal, ela não pode ser inteligente e bonita. [...]E é uma das coisas que eu acho que afasta muito as meninas das ciências “duras”... é essa coisa de achar que a cientista é a mulher feia ou a mulher que não se arruma. É aquela que vai arrumar um marido feio, com cara de louco, “né”? Coisa do “Einstein”, cabelo pra cima com a língua pra fora “né”? A gente sempre encaixava nesse modelo e não, a gente pode ser elegante, feminina e cientista. (Marie Curie)

As colocações de Marie Curie problematizam a questão dos estereótipos e dos papéis sociais de gênero no desenvolvimento das



carreiras científicas (Barros; Mourão, 2020). De acordo com Barros e Mourão (2020, p. 11), “os estereótipos estabeleceram comportamentos esperados para cada gênero, incluindo os espaços que deveria ocupar e o tipo de educação que a receber”. No campo de atuação de Marie, esses estereótipos acabam sendo incorporados nas representações sociais de mulheres que atrelam a sua imagem de cientista às características masculinizadas, impedindo-as de exercer a sua feminilidade, sendo que esta última implicaria no distanciamento das mulheres “do perfil que seria esperado para uma atuação na ciência, em especial, naquelas consideradas como áreas hard (ciências duras)” (Mourão; Barros, 2020, p. 12). Essa representação também permite o distanciamento das cientistas das discussões sobre gênero e feminismo, como aponta Lima (2013).

Nas histórias de vida contadas pelas cientistas entrevistadas, a necessidade de ruptura com os modelos rígidos de “ser mulher” perpassa os discursos, propondo reflexões sobre a desconstrução de paradigmas que tendem levar as mulheres a um processo de engessamento, submissão e invisibilidade, limitando seus campos de ação. Em sua narrativa, Cecilia Payne-Gaposchkin não somente expõe sua postura combativa a toda forma de autoritarismo, discriminação e injustiça, como também traz à tona o discurso da sororidade.

[...] eu não aceito submissão, não aceito autoritarismo, não aceito discriminação! [...] quando eu vejo alguma questão de injustiça ou alguma falha nessas relações assim de gêneros, eu costumo ter uma estrutura mais defensiva, de proteção, de acolher... Se eu perceber que no meu ambiente familiar ou ambiente profissional tem alguma coisa fora do que seria dentro dos meus critérios, que não acho que é o adequado, eu vou driblar (Cecilia Payne-Gaposchkin).

Observou-se ainda que, ao narrarem suas histórias, as cientistas incorporaram nos discursos olhares positivos sobre “ser mulher”, enaltecendo sua força e o seu protagonismo em múltiplos papéis sociais que desempenham. Outro aspecto que pode ser evidenciado nas narrativas é o importante papel da educação como ferramenta de emancipação feminina, como pode ser percebido na fala Esther Lederberg: “...às vezes a gente tem uma personalidade determinada,

mas o ambiente, as escolas que eu estudei, eles favoreceram, eu ser desse jeito”.

Quando se definem como mulheres, as cientistas entrevistadas, nas suas narrativas, trazem de alguma forma discursos que representam um processo de tomada de consciência sobre questões específicas vivenciadas pelas mulheres na ciência, produzindo novos olhares acerca dos papéis sociais desempenhados por elas. Dessa forma, ao contar sobre suas histórias, as mulheres revelam as suas lutas e pensamentos forjados na experiência feminina da vida individual e coletiva (Tedeschi, 2014).

“Lugar da mulher é onde ela quiser”: críticas ao sexismo

Quando foram solicitadas para exporem suas concepções sobre as questões de gênero na sociedade, as cientistas entrevistadas relataram que vivenciaram e/ou presenciaram situações de discriminação de gênero em diversos momentos das suas trajetórias de vida, como pode ser identificado em um dos fatos narrados por Elizabeth Blackwell:

[...] outro dia mesmo, eu fui numa reunião de condomínio... resolvi ir, porque era uma pendência que estava aqui no condomínio... Chegando lá, ... eu percebi que os homens que estavam lá na reunião, estavam para desprestigiar a síndica que era mulher, né? Ah, eu não estava gostando daquilo. Em outra sessão com o síndico, isso era discutido com tranquilidade. Teve uma hora que eu perdi a cabeça e disse: “O senhor está desrespeitando a moça!” Aí foi aquele meio bate-boca... foi uma situação muito ruim, misógina (Elizabeth Blackwell).

O comportamento misógino narrado por Elizabeth Blackwell expõe as desigualdades visíveis entre homens e mulheres no que se refere às funções que desempenham, aos lugares que ocupam e as características que apresentam, resultantes de construções culturais que embora não encontrem respaldos no campo biológico, acabam por legitimar relações de poder (Pinheiro, 2007). A violência contra a mulher perpassa também pelos discursos e atitudes misóginas que reforçam o binário masculino-feminino, diferença a todo momento criada, reproduzida e transformada em uma relação hierárquica e excludente em que constantemente o feminino é sacado de valor, é subestimado, é menosprezado em face ao masculino (Lima, 2008).



A crítica ao sexismo perpassou em diversos momentos os discursos das mulheres cientistas ao narrarem suas histórias de vida. Nas narrativas apresentadas, pode-se identificar que as entrevistadas ressaltam as conquistas femininas, mas também expuseram a necessidade de maior reconhecimento e ampliação do campo de ação feminina. Quando Edith Clarke traz à tona a conquista das mulheres no curso no qual atua, ela destaca também que as mesmas ainda sentem dificuldade de ocupar o mercado de trabalho.

[...] Quando eu fiz Geologia, eu entrei na universidade em 1987 e nós éramos no máximo 20% da turma. Hoje nós somos mais do que 50%... tem mais mulheres do que homens fazendo Geologia, que não era uma realidade, né? Mas aí você vê terem mais geólogos empregados do que geólogas... (Edith Clarke)

Esther Lederberg também denuncia a invisibilidade da mulher no mercado de trabalho relacionado ao campo da engenharia agrônoma.

[...] sobre o setor de cana-de-açúcar nas usinas, a gente “tá” com o programa de residência agrária. Não tem uma mulher atuando como engenheira agrônoma numa usina aqui. Eu não encontrei, eu não vi. Eu acho isso horrível! Eles estão precisando contratar e acredito que eles nem pensam. Eu acho que eles não pensam em contratar uma mulher ... Eu acho muito primitivo isso... (Esther Lederberg)

As narrativas de Edith Clarke e de Esther Lederberg apontam para a necessidade de desconstrução da lógica sexista. Essa lógica na qual a ciência se institucionaliza ocorre, conforme Schiebinger (2001), de forma sistemática com a exclusão das mulheres, o que desvaloriza, subestima e menospreza o feminino frente ao masculino, dificultando não somente a inserção da mulher no campo científico como também a sua atuação nesse meio em que o feminino é estruturalmente subjugado. A posição social da mulher revela que, embora as mulheres tenham vencido muitas barreiras, elas ainda enfrentam preconceitos de gênero, inclusive na produção científica.

As imagens culturais da mulher e os conceitos normativos da sociedade reforçam a binariedade do gênero (Scott, 1995), influenciando as escolhas e ações dos sujeitos. Nesse sentido, a desconstrução das noções rígidas de gênero é extremamente importante, pois ela permite enfrentar as desigualdades sociais, culturais e históricas que determinam e naturalizam as funções dos indivíduos com base em aspectos biológicos.

As histórias vivenciadas e contadas pelas professoras e cientistas entrevistadas resgatam também a importância da sororidade que, além de constituir um instrumento para a conquista da igualdade entre mulheres e homens, é uma forma de reação à fraternidade masculina e um caminho para enfraquecer a misoginia (Fernandes, 2021). Nesse sentido, como bem aponta Fernandes (2021, p. 3), o feminismo propõe que o conceito de sororidade “vá além da solidariedade, uma vez que esta consiste numa partilha de experiências que mantém as condições de apoio, enquanto a sororidade indica a modificação das experiências relacionais”. No exercício da sororidade, Marie Curie relata a sua preocupação com as mulheres e da importância do apoio a elas: “...*eu sempre tento incentivar as meninas, gosto de ajudar mais as meninas, porque sei das dificuldades... ajudar e proteger, porque eu vejo que elas sofrem às vezes... tem problemas com professores e eu tento proteger mais as meninas* (Marie Curie).

Ao exporem suas memórias sobre a condição da mulher na sociedade, a ideia de empoderamento feminino foi um ponto recorrente nos relatos das cientistas entrevistadas. A partir de suas falas, foi possível identificar um entendimento de empoderamento relacionado à conquista feminina de novos espaços, especialmente naqueles tradicionalmente dominados por homens, o que é percebido por elas como um avanço positivo. Os trechos a seguir apresentam alguns discursos em que as mulheres apontam pontos positivos relacionados à conquista feminina de espaços, especialmente daqueles dominados por homens.

[...] a gente tem diferenças físicas, mas isso não impede que ninguém desenvolva uma atividade de forma diferente somente por diferença de gênero. Isso é incabível pra mim! (Edith Clarke).

[...] Eu acho que...tem aquela questão da descoberta, do pioneirismo, né?... de você se destacar, estar fazendo isso, estar trabalhando com



aquilo. Então na minha área, há mais 20 anos atrás, quando comecei a trabalhar com as minhas linhas de pesquisa, não era comum você ver mulheres atuando nessa linha. Então isso foi positivo, porque mostrou que a gente tinha condições de atuar, de sermos boas profissionais... (Cecilia Payne-Gaposchkin)

Os discursos acima reforçam a máxima “lugar de mulher é onde ela quiser”. Esse reconhecimento das capacidades femininas pelas próprias mulheres problematiza a lógica sexista e as concepções essencialistas que naturalizam a inferiorização das mulheres, atribuindo a elas condições aquém das atribuídas aos homens.

Ao comunicarem suas memórias sobre a condição social da mulher, as cientistas relataram alguns pontos negativos que estão relacionados às experiências marcadas pelas diferenciações estabelecidas pelas construções de gênero. A descridibilidade no trabalho feminino é uma das formas de violência de gênero mais narradas pelas entrevistadas, como pode ser identificado nos trechos a seguir:

... Eu tenho um cargo... Eu não sou a mais alta que tem. Nós temos a diretoria, tem a presidente “né”? ... eu tenho outros afazeres, de cuidar de eventos, coordenar pessoas que vão fazer atividades, a gente está organizando o curso. Então eu sou a coordenadora dessa parte. Mas sempre associam com uma pessoa que vai fazer um serviço pra outro, que é o homem que vai estar acima. Então essa coisa sempre acontece com a mulher. Se fosse o homem, não pensariam isso, já ligariam a um cargo. Mas a mulher, a mulher é sempre a serviçal, “né”? A ajudante... E isso me incomoda muito (Marie Curie)

... ainda tem uma certa discriminação do tipo “você é mulher”? Você vai dar conta de fazer isso? Isso não é perigoso demais? Você acha que você tem condições de estar lidando com essas pessoas, essa realidade ou essas condições de trabalho? Então, eu ainda vejo um pouco de discriminação, de descrença, de machismo em algumas relações interpessoais, mas eu vejo também que são espaços que estão sendo conquistados pelo fato de ser mulher. (Cecilia Payne-Gaposchkin)

Como pode ser observado nos relatos, o "teto de vidro", conjunto de barreiras invisíveis que incluem a discriminação e a descrença na mulher, sinaliza os obstáculos que cientistas enfrentam. De acordo com Lima (2008), essas barreiras são construções culturais e, por isso,

podem ser alteradas, visto que as culturas e as tradições não são estáticas. Nesse sentido, as memórias narradas nas entrevistas já apontam para um exercício de crítica e enfrentamento aos desafios impostos pela questão de gênero. Reconhecer e identificar os obstáculos e mapear suas armadilhas ao longo da carreira das cientistas são parte fundamental da estratégia para superar esses desafios e construir um caminho menos tortuoso, no qual as mulheres não sejam barradas por pertencerem ao sexo feminino (Lima, 2008).

Memórias sobre ser “Mulher Cientista”

A questão de gênero na ciência é enfocada por estudiosos de muitas disciplinas a partir de perspectivas amplamente variáveis. Conhecer e discutir as memórias sobre ser “Mulher Cientista” é essencial para compreensão das dificuldades e obstáculos de inclusão e permanência no âmbito acadêmico, tendo em vista que a história das mulheres na ciência não foi caracterizada por uma marcha de progresso, mas por ciclos de avanço e recuo.

A história dos primórdios das mulheres na ciência nos ensina diversas coisas. Como coloca Schiebinger (2001), a história ensina que as instituições científicas assumiram muitas formas através dos séculos e que a estrutura dessas instituições pode encorajar ou desencorajar a participação das mulheres, bem como, revela-se que nas modernas sociedades industriais, a divisão de trabalho entre emprego e lar permanece um obstáculo ao ingresso das mulheres nas profissões. Durante a entrevista, ao serem questionadas sobre a trajetória na formação superior é possível perceber comparações do início da carreira acadêmica até a posição atual, relatando mudanças ao longo dos anos. Segundo a professora Cecilia Payne-Gaposchkin, atualmente existem mais mulheres cientistas atuando na sua área do que homens cientistas. Bem como, consegue identificar uma diferença no número de mulheres cientistas em diferentes áreas da formação superior.

Na graduação, as alunas do sexo feminino iam mais pra área de licenciatura, para área de ensino do que para área de pesquisa. Mas, na pós-graduação, eu já vi um cenário diferente, as minhas turmas na pós-graduação, no mestrado e doutorado eram compostas basicamente por mulheres. (Cecilia Payne-Gaposchkin).



Além disso, as professoras conseguem perceber uma diferenciação no tratamento e valorização do seu trabalho de acordo com a posição e/ou cargo que ocupam. Tais processos fazem parte de um mecanismo de exclusão vertical, fenômeno denominado de “teto de vidro”. Schiebinger (2001) discute esse conceito relacionado a invisibilidade dos obstáculos que limitam e dificultam a ascensão das mulheres na carreira profissional, uma vez que não existem barreiras formais que justifiquem o fato de que as mulheres não conseguem ascender profissionalmente na mesma proporção que os homens.

Nos discursos das entrevistadas, é possível identificar marcas de exclusão. A pesquisadora Cecilia Payne-Gaposchkin, por exemplo, relata que em trabalhos de campo sentia que seus colegas homens eram mais valorizados. Ao se posicionar como a responsável pela pesquisa, ela era questionada sobre sua qualificação, questionando se ela era realmente professora e doutora, percebendo que as reações eram influenciadas por uma expectativa de que o papel de liderança deveria ser masculino. Ela descreve essa expectativa como um “status de mandachuva”, termo que remete a uma figura de autoridade inquestionável, geralmente associada a homens. Já a pesquisadora Esther Lederberg, relata que no ambiente acadêmico a sua presença só é valorizada quando os colegas estão cientes de seu cargo de professora na UFS. Quando eles desconhecem sua função, ela percebe um tratamento inferior, o que demonstra a necessidade de reafirmar constantemente sua posição para ser respeitada.

O depoimento de Cecilia Payne-Gaposchkin revela outro importante desafio que as mulheres enfrentam ao ingressar no campo científico: a conquista da credibilidade e confiança.

Já passei por várias situações de estar trabalhando com a pessoa do sexo masculino que era subordinado a mim, mas quando íamos numa área as pessoas lidavam com ele. Então ele dizia que tinham que falar comigo, eles olhavam e falavam: “Ela? Mulher? Vai fazer isso? Vai subir e carregar?”. Eu cheguei algumas vezes a pessoas que fizeram testes pra checarem se eu sabia realmente o que eu estava fazendo, ficavam simulando coisinhas ou falando que viu algum bicho e eu falava “não, esse animal não ocorre aqui.” (Cecilia Payne-Gaposchkin)

Dessa forma, “mesmo que atualmente a participação das mulheres na ciência seja equitativa do ponto de vista numérico, a hierarquia acadêmica vai estar ocupada, sobretudo, por homens” (Silva;

Ribeiro, 2014, p.2). Assim, dificultando ainda mais o acesso a posições de destaque. Nesta mesma direção, em outros momentos da entrevista, Cecília relata as barreiras que enfrentou na vida acadêmica.

“Tem a questão da descrença se você pode estar trabalhando na área, essa questão de discriminação e de machismo. Você tem que respirar e mostrar que você tem condições, que você é habilitada, é difícil você lidar com as pessoas e ter que provar que você tem valor, tem condições de executar o trabalho, então isso em alguns momentos acaba sendo desestimulante. Eu tenho algumas colegas que desistiram de estar na área porque não aguentam, sabe? Esse machismo, esse preconceito, essa discriminação, sempre achando que a gente é frágil e que não vai dar conta.” (Cecília Payne-Gaposchkin)

O depoimento acima relata que essas mulheres precisam lidar com a falta de credibilidade e de reconhecimento da mulher na atividade científica. De acordo com Silva e Ribeiro (2014, p. 456), a crítica feminista à ciência problematiza “o entendimento de que a produção da ciência legítima se dá a partir dos valores associados ao masculino, dos quais as mulheres são consideradas naturalmente desprovidas”. A falta de reconhecimento da participação feminina na produção científica é um processo que ocorre frequentemente em determinadas áreas, como nas ciências “duras”, denominado de “efeito matilda”, termo desenvolvido pela pesquisadora Margaret Rossiter (1993) em homenagem à ativista Matilda Joslyn Gage, importante defensora dos direitos das mulheres no século XIX.

Nessa perspectiva, as contribuições do pensamento de Londa Schiebinger (2001) tornam-se fundamentais, na medida em que a referida autora argumenta que a produção científica tem sido baseada numa cultura androcêntrica. Sendo assim, a trajetória das mulheres na ciência é constituída numa cultura baseada no “modelo masculino de carreira” (Velho, 2006) que envolve compromissos de tempo integral para o trabalho, produtividade em pesquisa, relações academicamente competitivas e a valorização de características masculinas que, em certa medida, dificultam, restringem e direcionam a participação das mulheres nesse contexto.

Desafios e obstáculos das mulheres na produção científica



Ao analisar a trajetória de mulheres na produção científica é possível perceber os desafios e obstáculos enfrentados. Algumas dessas dificuldades não diferem daquelas enfrentadas pelos homens. Porém, existem desafios particulares envolvendo questões de gênero que refletem as relações de poder inseridas no meio acadêmico. Através dessa pesquisa buscamos compreender como as mulheres vêm ocupando esses espaços na academia. Tal atividade não se restringe apenas em analisar suas trajetórias profissionais, mas também os caminhos percorridos por essas mulheres e as estratégias (políticas, sociais, culturais, econômicas etc.) usadas por elas para a construção de suas identidades pessoais e profissionais, desvelando histórias de sujeitas ocultas e silenciadas por questões de gênero.

Sendo assim, ao serem questionadas sobre os desafios e obstáculos enfrentados para atuar como cientista na Universidade Federal de Sergipe, as entrevistadas relataram a ausência de incentivo financeiro, como pode ser observado no depoimento de Elizabeth Blackwell.

Eu acho que as distribuições de recursos financeiros na atualidade estão muito escassas. Eu participo do comitê e esse ano a gente recebeu 50 projetos, só aprovaram 8, teve projetos bons que foram aprovados, mas não foram contemplados por questões financeiras e hoje você dificilmente consegue desenvolver alguma coisa sem recurso financeiro. A minha área que é experimental é frustrante, bolsas de mestrado também não tem, estão bem reduzidas. (Elizabeth Blackwell)

A produção científica no Brasil passa por momentos difíceis diante do cenário de desmonte da ciência no país, dessa forma, a falta de financiamento é um desafio quase unânime para homens e mulheres. No entanto, para Santos (2016) a contestação preocupante de que as mulheres acessam menores recursos da política de fomento à pesquisa está intrinsecamente vinculada ao fato de as mulheres terem menos tempo para as ciências. Dessa maneira, surge a necessidade de um olhar diferente para o cotidiano dessas mulheres fora da universidade, só assim será possível uma compreensão acerca das desigualdades de gênero no campo científico.

Além disso, em outros momentos da entrevista, algumas mulheres relataram que as questões de gênero foram e continuam sendo um desafio a ser enfrentado ao adentrarem e permanecerem no campo científico. Nesse contexto, é importante ressaltar que o preconceito relacionado ao gênero não foi explicitado por todas as docentes, pois ele pode afetar de forma sutil e velada essas mulheres de diferentes formas, muitas vezes nem sendo notado pelas mesmas. Outro desafio para inclusão feminina na ciência foi a falta de credibilidade. É o que Marie Curie expressa ao ser questionada sobre as memórias negativas na trajetória como mulher na produção científica.

Bom, talvez os momentos em que não fui valorizada por colegas que, por mais que eu fizesse as coisas bem feitas, assim, achavam que não, não estava fazendo o suficiente, não era boa o suficiente. Às vezes você faz um milhão de coisas, “né?” E às vezes eles querem medir tudo com a mesma régua. Só que coisas diferentes, se medem com régua diferentes, as coisas têm formas diferentes de serem vistas (Marie Curie).

Essa lógica sexista na qual a ciência se institucionaliza ocorre, conforme Schiebinger (2001), de forma sistemática com a exclusão das mulheres, o que desvaloriza, subestima e menospreza o feminino frente ao masculino, assim, dificultando a inserção e atuação da mulher no campo científico.

Maternidade e o distanciamento das mulheres com a ciência

As experiências vividas pelas entrevistadas trazem relatos da importância da colaboração de outras pessoas no sentido de conciliar as atividades profissionais com as tarefas da vida pessoal e familiar. O processo de distanciamento das mulheres para com a ciência, enquanto atividade sistematizada começa no processo de socialização, tendo em vista que as atividades domésticas e com os filhos são consideradas “femininas”, e com a entrada das mulheres na carreira científica, conseqüentemente, vão ter que conciliar os dois espaços, esbarrando assim em outros constrangimentos como a difícil escolha entre família, maternidade e carreira.



Segundo Machado *et al.* (2019), em 54% dos casos, as mães são as principais responsáveis pelos filhos. Devido a isso, quando questionada sobre conciliar os afazeres relacionados à pesquisa, trabalho e família, Marie Curie afirma já ter pensado em desistir.

Quando tive meu filho, no começo eu pensava: “O que é isso? Não vou conseguir fazer tudo ao mesmo tempo. Tem que deixar meu filho pequenininho em casa”. Mas, eu dei sorte, sempre tive uma pessoa maravilhosa me ajudando, que até hoje trabalha cuidando dele. Então, eu sempre tive ajuda, mesmo assim, não é você cuidando do seu filho. Tinha época que eu falava que ia largar tudo (Marie Curie).

A maternidade e a falta de estruturas de apoio nas universidades e em eventos científicos afetam a produtividade das pesquisadoras. A ausência de suporte para acolher essas mães impede a participação em atividades essenciais para o avanço de suas carreiras. Afinal, a produtividade na área científica é diretamente ligada à divulgação de resultados de pesquisas, seja por meio da publicação em eventos, livros ou periódicos especializados. Sendo assim, a escrita e publicação científica se fazem essenciais e são uma ferramenta fundamental nas trajetórias de reconhecimento científico. A ideia de ser produtiva está vinculada visceralmente à ideia de escrever e publicar. A divulgação, por sua vez, somente é possível pela prática da pesquisa e, além disso, as pesquisas somente encontram repercussão e reconhecimento mediante a sua publicação. Com isso, cientistas-mães que necessitam apresentar trabalhos acadêmicos, não conseguem comparecer em congressos o que acaba diminuindo sua presença e produtividade pela ausência de um preparo desses eventos para recepciona-las, como ressalta Edith Clarke:

Até a estrutura para você poder, como mãe, ir para um congresso, de acolhimento para um bebê, de a gente ter, não existia. Eu deixei de ir para congresso, eu não podia ir porque a estrutura ficava difícil com duas crianças. Eu não fui muito mais prejudicada na minha carreira porque eu tenho um companheiro que me ajudou muito. Mas, se não fosse, como eu vi no relato de algumas colegas, é, porque você para. Se você não vai ao campo você não tem pesquisa, então um GAP de 3 ou 4 anos, aparece um concurso, você não está preparada para isso (Edith Clarke)

Contabilizando os períodos de gestação e lactação, as cientistas-mães destas áreas do conhecimento tendem a se afastar de

suas atividades de pesquisa, agravando consideravelmente o impacto na produtividade das mesmas, como cita o depoimento de Marie Curie:

Outro problema ocorre com nosso currículo. Eu tive um momento em que me tornei mãe. Tive que parar para cuidar do meu filho. Claro, tive mais dificuldade na produção científica. E isso não é levado em conta, né? Eu acho que essas coisas fazem muita diferença quando você vai concorrer a um projeto dentro e fora da universidade. Um homem e uma mulher: o currículo é olhado da mesma forma, tudo medido com a mesma régua. Mas uma mulher tem mais dificuldades nesse período. (Marie Curie)

Além disso, em determinadas áreas do conhecimento, outro fator que prejudica imensamente o desempenho acadêmico das cientistas-mães das ciências naturais é a exposição a alguns locais como laboratórios, hospitais, entre outros. Professoras que precisam orientar alunos em experimentos que demandem o manuseio de determinados reagentes químicos são aconselhadas, por seus obstetras, a evitar estes tipos de atividade durante a gestação (9 meses, em média) e período de lactação (24 meses, segundo sugestão da Organização Mundial da Saúde).

Como visto nas categorias analisadas, existem diversos obstáculos visíveis e invisíveis, tais como à valorização do trabalho, à conquista de credibilidade e confiança, à produtividade em pesquisa, à dupla jornada de trabalho, à maternidade que dificultam e impedem a ascensão das mulheres na carreira científica. Segundo Haraway (1995) as ciências são formadas por uma “multiplicidade de visões”, já que são constituídas por uma pluralidade de sujeitos, em distintos contextos sociais, econômicos e culturais. Deste modo, nas palavras de Haraway, “(...) apenas uma perspectiva parcial promete uma visão objetiva” (1995, p. 21). A abordagem parcial reconhece a diversidade e, portanto, complexidade das visões que compõem as ciências. Assim, é partindo desta perspectiva parcial que pensamos, aqui, a problemática participação de mulheres nas ciências.

Conclusões

Através das análises e discussão dos dados foi possível constatar que o número de docentes homens orientando pesquisas PIBIC, na área das CN, é maior do que o número de docentes mulheres orientadoras.



Essa diferença é de 8%, expondo um equilíbrio nesse aspecto, entretanto, as narrativas das cientistas entrevistadas revelam que, mesmo em departamentos em que a presença de homens e mulheres se dá numericamente equilibrada, isso não implica a ausência de práticas discriminatórias e machistas.

Contudo, apesar de haver um aumento no número de mulheres na produção científica, por meio dessa pesquisa podemos perceber que a trajetória acadêmica e profissional das docentes entrevistadas é construída em um ambiente regido por valores e padrões masculinos que dificultam a participação das mulheres na ciência. Ao analisar os relatos é perceptível os diversos obstáculos para inserção e permanências dessas mulheres na pesquisa científica, no que se refere: à valorização do trabalho, à conquista de credibilidade e confiança, à produtividade em pesquisa, à dupla jornada de trabalho, à maternidade e a discriminação de gênero.

É importante destacar que todas as entrevistadas eram mulheres cisgênero e brancas. Nesse sentido, para este estudo, mesmo não delimitando critérios de inclusão destes sujeitos na pesquisa, as mulheres que ocupam esses cargos nas Ciências Naturais na UFS são em sua totalidade brancas e cisgênero.

Destacamos, então, a relevância da realização de pesquisas que contemplem as desigualdades em suas “interseccionalidades” como modo de consolidarmos as diversas demandas e necessidades femininas para a produção científica. É inquestionável haver articulação entre as diversas discriminações. Há uma necessidade de construção de outras várias abordagens parciais e interseccionais que nos proporcionem conhecer a participação de mulheres nas ciências no país em sua pluralidade e complexidade.

Desconstruir a lógica binária dos gêneros implica problematizar a oposição hierárquica existente entre eles, na qual o masculino é tomado como referência, além de, também, compreender o caráter construído, fragmentado, contingente e plural das identidades. Afinal, não existe a mulher como categoria universal e fixa, mas várias e diferentes mulheres, que aprendem a ser, pensar, agir e se reconhecer de determinado jeito de acordo com os contextos sociais, culturais e históricos em que estão inseridas. Portanto, as análises que realizamos se configuram como contingentes, provisórias e limitadas às trajetórias vividas pelas entrevistadas.

Dessa forma, o aprofundamento de estudos e discussões que busquem tornar visíveis tais experiências é essencial, expondo as resistências e as relações de poder estabelecidas, especialmente no ambiente acadêmico de produção científica.

Para finalizar, compreende-se que no campo dos estudos de gênero e feministas na produção de conhecimento científico existe muito trabalho a ser feito. Há intensificação dos mecanismos discriminatórios de gênero quando a luta cotidiana por consolidação da carreira das cientistas se dá em áreas tradicionalmente masculinas.

Referências

BARROS, Suzane Carvalho da Vitória. MOURÃO, Luciana. Trajetória profissional de mulheres cientistas à luz dos estereótipos de gênero. In: **Psicologia em Estudo.**, v. 25, e46325, 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Resolução n.º 466, de 12 de dezembro de 2012. Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 2013.

CORNWALL, Andrea . Trilhas do Empoderamento de Mulheres. **Revista Feminismos**, [S. l.], v. 1, n. 2, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/29963> . Acesso em: 18 mai. 2022.

DELGADO, L. de A. N. **História Oral**: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de pesquisa**, p. 139-154, 2002.

FERNANDES, Evelyn Blaut. Morte ao patriarcado: fraternidade, irmandade, sororidade. **Cadernos Pagu**, n. 63, p. e216309, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/18094449202100630009>. Acesso em: 10 mai. 2022.



HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos pagu**, n. 5, p. 7-41, 1995.

IGNOTOFSKY, Rachel. **As cientistas: 50 mulheres que mudaram o mundo**. Editora Blucher, 2017.

LIMA, Betina Stefanello. O labirinto de cristal: as trajetórias O labirinto de cristal: as trajetórias das cientistas na Física das cientistas na Física. In: **Estudos Feministas**, Florianópolis, 21(3): 496, setembro-dezembro/2013.

LIMA, Betina Stefanello. **Teto de vidro ou labirinto de cristal? As margens femininas das ciências**. Dissertação (Mestrado em História)-Universidade de Brasília, Brasília 2008.

MACHADO, Leticia Santos et al. Parent in science: The impact of parenthood on the scientific career in Brazil. In: **2019 IEEE/ACM 2nd International Workshop on Gender Equality in Software Engineering (GE)**. IEEE, 2019. p. 37-40.

MEIHY, J. C. S.B.; HOLANDA, F. **História Oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Editora Contexto, 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza et al. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**, v. 21, p. 9-29, 1994.

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO. Mulheres já são maioria nas bolsas de mestrado e doutorado, mas ocupam apenas 35,5% das bolsas de produtividade. Disponível em: <https://www.gov.br/mcti/pt-br/acompanhe-o-mcti/noticias/2025/02/mulheres-ja-sao-maioria-nas-bolsas-de-mestrado-e-doutorado-mas-ocupam-35-5-das-bolsas-de-produtividade>. Acesso em: 22 ago. 2025.

PINHEIRO, Luana Simões. **Vozes Femininas na Política: uma análise sobre mulheres parlamentares no pós-Constituinte**. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2007.

ROSSITER, Margaret W. **The Matthew Matilda Effect in Science**. Social Studies of Science, Vol. 23, No. 2 (1993), pp. 325-341.

SANTOS, Vívian Matias dos. Uma “perspectiva parcial” sobre ser mulher, cientista e nordestina no Brasil. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 24, n. 3, p. 801-824, set-dez, 2016.

SCHIEBINGER, Londa. **O feminismo mudou a ciência?** São Paulo: EDUSC, 2001.

SCOTT, Joan W. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Educação e Realidade, v. 15, n. 2, p. 5-22, 1995.

SILVA, Fabiane Ferreira da; RIBEIRO, Paula Regina Costa. Trajetórias de mulheres na ciência: “ser cientista” e “ser mulher”. **Ciênc. educ.** (Bauru), Bauru, v. 20, n. 2, p. 449-466, 2014.

TEDESCHI, Losandro Antonio. **Alguns apontamentos sobre história oral, gênero e história das mulheres.** Dourados-MS: UFGD, 2014.

VELHO, Léa. Prefácio. In: SANTOS, Lucy Woellner; ICHIKAWA, Elisa Yoshie; CARGANO, Doralice de Fátima (Orgs.). **Ciência, tecnologia e gênero: desvelando o feminino na construção do conhecimento.** Londrina: IAPAR, 2006.



Memories of women: trajectories and protagonisms in/for scientific production at the Federal University of Sergipe

RESUMEN: Esta investigación tiene como objetivo conocer las trayectorias de mujeres científicas que actúan en el campo de las Ciencias Naturales en la Universidad Federal de Sergipe, bajo el sesgo de las relaciones de género que impregnaron (y permean) sus historias y los reflejos en/para la inserción y actuación en el espacio académico. Se trata de un estudio cualitativo, de tipo descriptivo, utilizando el método de Historia Oral. Para ello, se realizaron entrevistas semiestructuradas con mujeres científicas vinculadas a los cursos de Ciencias Naturales de la Universidad Federal de Sergipe (UFS), Campus de São Cristóvão. Con ello, además de contextualizar y rescatar las trayectorias de los científicos y gestores de las carreras de Ciencias Naturales de la UFS, a través de esta investigación podemos ver que la trayectoria académica y profesional de los docentes entrevistados se construye en un ambiente regido por los valores masculinos, y normas que dificultan la participación de la mujer en la ciencia. De esta forma, la profundización de estudios y discusiones que busquen visibilizar tales experiencias es fundamental, ya que hay mucho trabajo por hacer.

PALABRAS CLAVE: Mujeres científicas. Género. Historia oral. UFS.

ABSTRACT: This research aims to know the trajectories of women scientists who work in the field of Natural Sciences at the Federal University of Sergipe, under the bias of gender relations that permeated (and permeate) their histories and the reflexes in/for insertion and performance in the academic space. This is a qualitative study, of the descriptive type, using the Oral History method. For that, semi-structured interviews were carried out with women scientists linked to the Natural Sciences courses at the Federal University of Sergipe (UFS), Campus de São Cristóvão. With this, in addition to contextualizing and rescuing the trajectories of the scientists and managers of the Natural Sciences courses at UFS, through this research we can see that the academic and professional trajectory of the interviewed teachers is built in an environment ruled by masculine values and standards that make it difficult to women's participation in science. In this way, the deepening of studies and discussions that seek to make such experiences visible is essential, as there is a lot of work to be done.

KEYWORDS: Women scientists. Genre. Oral History. UFS.

Maria Eduarda LISBOA SANTOS,
Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, Brasil
Graduada em Engenharia Agrônômica (UFS, 2023) e mestranda no
Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente
(UFS, 2024). Atua como Agente Local de Inovação Rural pelo SEBRAE.
Tendo interesse principalmente nos seguintes temas: gênero,
desenvolvimento rural e agroecologia.

Aline Lima de OLIVEIRA NEPOMUCENO,
Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, Brasil
Professora Adjunta da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Doutora
e Mestra em Educação, Licenciada em Ciências Biológicas. Desenvolve
pesquisas em Educação Ambiental, formação de professores,
metodologias participativas e ensino de Ciências e Biologia, com ênfase
em sustentabilidade socioambiental e justiça ambiental.

Viviane ALMEIDA REZENDE
Secretária do Estado da Educação de Sergipe, Aracaju, Sergipe,
Brasil Licenciada em Ciências Biológicas (UFS, 2000) e Mestre em
Educação (UFS, 2011). Professora efetiva da Educação Básica
(SEED/SE), atua como pesquisadora nas áreas de Formação de
Professores, Educação em Ciências e Biologia, Educação Ambiental,
Metodologias para a Educação Ambiental e Dimensão Ambiental no
Currículo Escolar.

Elika Milenna BARBOSA SANTOS
Licenciada em ciências biológicas (UFS). Foi bolsista voluntária
do Programação de Iniciação Científica (PIBIC) com o tema mulheres
na ciência e fez parte do Programa Residência Pedagógica (CAPES).

Recebido em: 21/04/2023

Aprovado em: 05/10/2025